



Cristiano Ronaldo protagonizou um Campeonato da Europa memorável, com dois golos e boas exibições.

Euro: da «pintura borrada» ao «momento mais alto»

Apesar da confiança manifestada por Felipe Scolari, Ronaldo ainda não se considera titular da selecção

"Jogos" a seguir

Agora vêm aí os Jogos Olímpicos. Não é uma competição com a notoriedade de um campeonato da Europa, mas Cristiano Ronaldo está convencido que é um ponto alto na carreira de qualquer jogador. «Os Jogos Olímpicos são torneios que acontecerão muito poucas vezes nas nossas carreiras e é com muito orgulho que lá estarei, a dar o meu melhor».

Ronaldo espera chegar «o mais longe possível e corresponder ao que vai na alma dos portugueses», que é o mesmo que dizer, conquistar uma medalha.

O jogador está consciente que, agora as suas responsabilidades são maiores. «Se calhar, são, mas também já estou acostumado. Sempre jogo com um grande sentido de responsabilidade - clarifica o "craque" madeirense - mas é óbvio que as pessoas vão estar muito atentas, não só com aquilo que se vai passar comigo, mas também com os outros jogadores».

Cristiano Ronaldo não chegou a falar com o seu treinador, a pedir-lhe permissão para ir aos "Jogos". «Nestes casos, a selecção é que manda. Fui convocado e terei que lá ir, o que farei com o máximo do orgulho. Não, não falei nada disto ao treinador, sei que ele não queria que eu fosse à selecção, mas a Federação é soberana». Quanto à irritação de Fergusson, Ronaldo compreende-o: «Ao fim e ao cabo vou ficar seis jogos de fora. Mas é bom saber que ele tem esse tipo de problemas por minha causa. Significa que está a contar comigo e se eu não vou estar nos primeiros seis jogos, ele não pode ficar muito feliz».

Agostinho Silva
asilva@dnoticias.pt

Cristiano Ronaldo foi uma das figuras do Euro'2004, que ainda está bem vivo na memória de todos os portugueses. O jogador faz agora um rescaldo com referências interessantes:

DIÁRIO - No Euro'2004, rubricou exibições notáveis, quer a nível colectivo como individual. Aquele foi o momento mais da sua carreira?

C. R. - Foi um dos momentos mais altos da minha carreira. Foi espectacular, porque nunca tínhamo.

DIÁRIO - Naquele primeiro jogo com a Grécia as coisas não correram nada bem...

C. R. - Após esse jogo, toda a gente ficou de pé atrás, mas nunca deixámos de acreditar. Pessoalmente estava convencido que tínhamos grandes jogadores e que de um momento para outro iríamos fazer a diferença. E foi isso que aconteceu.

DIÁRIO - O que é que pensou no momento em que provocou o penalti no jogo com a Grécia? Estávamos a perder, era preciso marcar e aconteceu aquilo...

C. R. - Pensei que tinha estragado tudo, que tinha borrado a pintura! Mas felizmente demos a volta por cima. Ainda bem!

DIÁRIO - Já se considera titular da selecção nacional?

C. R. - Não, nada disso. Tento trabalhar da melhor forma, sempre. Quando estiver em estágio, tentarei mostrar

sempre o meu valor, a minha personalidade e a minha eficácia. Mas é óbvio que não me sinto titular da selecção. Sinto apenas que posso dar o meu apoio e que a equipa pode render um pouco mais comigo.

DIÁRIO - Em termos individuais, qual o foi o jogo do Euro que lhe correu melhor?

C. R. - De um modo geral, joguei bem em todos os jogos. Se calhar contra a Espanha, terá sido o jogo em que estive melhor.

DIÁRIO - Na final com a Grécia, chorou mesmo a sério. Foi duro...

C. R. - Foi uma desilusão muito grande. Perder uma final do Campeonato da Europa é muito duro. Foi o dia mais triste da minha vida. Só me mentalizei que tínhamos perdido aquele jogo com o apito final do árbitro. Acreditei sempre que iríamos dar a volta, mas...

DIÁRIO - Depois das exibições brilhantes no Euro, tem falado com os seus colegas do Manchester? O que é que lhe dizem?

C. R. - Falei com alguns. Deram-me os parabéns e incentivaram-me a continuar assim.

DIÁRIO - Como é ter que relacionar-se com outras grandes "estrelas" mundiais do futebol? É tudo assim tão simples?

C. R. - É muito bom saber, com apenas 19 anos, já jogo ao lado de "estrelas" mundiais. É sobretudo benéfico. Eles facilitam as coisas, deixam-nos à vontade e tornam o difícil cada vez mais fácil. São pessoas que me põem à vontade e quando assim é, simplificam a minha adaptação.

Segunda época será mais complicada



Por força da convocatória para disputar os Jogos Olímpicos, Cristiano Ronaldo vai faltar às primeiras seis jornadas da Premier League, na Inglaterra. O jogador madeirense confia numa segunda época ainda melhor que a primeira, desta vez aliando as suas boas exibições a um melhor campeonato para a equipa.

DIÁRIO - Esta segunda época na Premier League, na Inglaterra, será um pouco mais complicada para si, porque já toda a gente o conhece. Concorda?

C. R. - É verdade. Daqui para frente será sempre mais difícil, porque as equipas e os jogadores já me conhecem bem. Mas confio em mim próprio, vou continuar a dar o melhor que sei e isso será suficiente para ultrapassar os obstáculos que, com certeza, vão aparecer.

DIÁRIO - O ano passado fez grandes exibições em Inglaterra. Qual o jogo que melhor recordações lhe deixou?

C. R. - Se calhar, o da final da Taça de Inglaterra. Mas houve outros igualmente muito bons... contra o Everton, o Bolton.

DIÁRIO - O jogo da estreia, nos 4-0 contra o Bolton, foi bastante marcante.

C. R. - Foi um jogo muito importante, porque era a minha estreia. Era complicado porque havia comparações com o Beckham, eu era o novo número sete... Notei que havia uma enorme curiosidade em saber quem era esse novo número sete. Foi extremamente difícil ver um estádio lotado e sentir toda aquela responsabilidade. Mas depois, quando entrei e com o decorrer do jogo, as coisas normalizaram-se. E acabei por fazer um bom jogo para a equipa. É sempre muito importante entrar com o "pé direito", as coisas correram bastante bem, as pessoas ficaram com uma boa imagem de mim e, a partir daí, tudo se simplificou.

DIÁRIO - Após o louco mês de Setembro do ano passado, quando estava no Sporting e de repente se transferiu para o Manchester, imaginou que a sua adaptação acabasse por ser tão fácil? Receou por isso?

C. R. - Não foi assim tão fácil. Era uma vida nova, mentalidades completamente diferentes, futebol diferente. Tive foi a ajuda de muita gente, da minha família, e ao fim de três ou quatro meses, penso que já estava devidamente integrado.

DIÁRIO - Quem são os principais candidatos ao título na Premier League, este ano, obviamente para além do seu Manchester United?

C. R. - Penso que serão o Chelsea, que está muito forte, o Arsenal, o New Castle e o Liverpool. Será outra vez um campeonato muito competitivo, muito forte. Com tantos candidatos, o campeonato torna-se muito mais giro.

DIÁRIO - O ano passado aconteceu muitas vezes que, logo a seguir a uma grande exibição, o Cristiano Ronaldo ia para o banco dos suplentes. Concordou sempre com o seu treinador?

C. R. - Sempre. Isso era a maneira dele melhor gerir a minha carreira. Ele já ganhou tudo o que tinha para ganhar, ele sabe o que faz, é a pessoa mais indicada para lidar com os jogadores. Ele é o líder, ele geriu a minha evolução da melhor maneira. Só tenho que respeitar. Obviamente que, quando jogava bem, gostava de jogar outra vez no jogo seguinte, mas algumas vezes isso não aconteceu. Nunca houve problemas por causa disso, só tenho é que continuar a trabalhar para merecer a confiança do meu treinador.